

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA



SEMANARIO

Humorístico

Redacção: ARNALDO LEITE, CARVALHO BARBOZA, JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO



## Está lá mas é de gesso



OCTAVIO SÉRGIO 1933

Maria Rita—E vocemecê, seu Zê «diz» que «sim» ou que «não»?  
Zê—Ai, minha santa, eu cá não digo nada... Sou de-louça das Caldas.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.º

Redacção e Administração, Rua do Almada, 107-2.º Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na Imprensa Portuguesa, :::: Rua Formosa, 116 ::::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

**Continente e Ilhas**

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

**Colónias**

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

**Estrangeiro**

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## RELAÇÃO DOS CONCORRENTES ADMITIDOS

A0

# JOGO DO QUINO

Damos hoje a lista completa dos concorrentes com direito a prémio. E' natural que haja algum lapso, e nesse caso esperamos até à próxima quarta-feira pela respectiva reclamação, para em seguida darmos o plano dos prémios ou competente sorteio.

### Concorrentes com 15 pontos:

Abílio A. Martins (de Lisboa).

### Concorrentes com 14 pontos:

Manuel Augusto Aranha, J. Sequeira, Alvaíado, Rosa Lopes, Mário Figueira, M. R. Lopes Júnior, Joaquim dos Santos Costa, Conde Barão.

### Concorrentes com 13 pontos:

Lizé, Zecas Laines, Mário Firmino, Intrépido Sem Medo, José da Costa Soares, Mamarracho, Zé Miranda, A. Lopes, Guicha, Zé Lopes Miúdo, A. Reis, António Pereira Santos, Maria R. Martins, Faria Nunes, Maria Alice, Marília, Pinto Coelho.

### Concorrentes com 12 pontos:

Cipriano Jardim Aranha, Fernando António Castro Silva, João Manuel Jardim Aranha, Manuel Correia, Octávia Maria, Pimpão Altamira, X Altamira, Zé A. 1000, Zé Zabumba, Alvaro Meneses 3.º.

### Concorrentes com 11 pontos:

Angelo de Meneses (Olegna), António Vicente da Rocha, Rei do Azar, Manuel Portas Bértolo, Medeiros Martelo, Joaquim Geraudes, Fernando A. R. Silva, Eurico Malafaja, Alberto Ribeiro, Alberto Pinto 5.º, Alvaro Meneses 5.º, Laura Moraes Sarmento, Rodrigo Alves Pereira Júnior.

### Concorrentes com 10 pontos:

Alvarcarso (Gaia), José Rosas da Costa, Mário Recarei, Rosa de Andrade, Ricardo Alves Franco,

R. S. T. V., Alberto Pinto 4.º, David Costa 2.º, Carlos Pereira Ramos, Nobial Trocns, Daniel da C. Martins, Um algarvio, Sécoalho I, Sécoalho II, Domingos Ferreira da Silva, F. Leal Júnior, João Tino, José Alves Leal, Luis Pinto da Silva, Maria Guilhermina, António Rodrigues Martins, Júlia Maria Martins de Lima, José Alfredo S. Moreira da Silva, José Teixeira de Carvalho.

### Concorrentes com 9 pontos:

Abel da Cunha, Arnaldo Sousa Ramos, Dário Aug. Barreto de Oliveira, Eduardo Coelho da Silva, Fernando da Silva, Faz tudo e não faz nada, Joaquim Ferreira Júnior, Joaquim Aug. Vieira, José de Freitas, Manuel Cerqueira, Nicolau Leandro da C. Negreiros, Vítor José, Amarantino, Arcénio Antunes, António Carlos Miranda, Abílio Macedo Rodrigues, Armando S. Carvalho, César José Poças, David Costa 1.º, José dos Santos Campinas, Luís Cerqueira, Monteiro II, Zir-trak, Sempre Pronto, Alvaro Meneses 2.º, Alvaro Meneses 4.º, João de Sousa Costa, José Correia Vidinha, Miguel Novais, António Alvaro, João Alves da Silva, Zé Barão, Manuel Simões Pereira da Silva, Dolrano, Maria Adalina Santos.

### Concorrentes com 8 pontos:

Fernando Heitor da Silva, José de Oliveira Marques, José de Sousa Cruz, Joaquim Leite, Lírio Fernandes, Tenho Pouca Sorte, Jorge Carneiro Alegria, José Gil, Olívia Monteiro, Manuel Raquel Milhano, «Dulcinea», António Gomes Ferreira, Bento Pereira, Alberto Pinto 1.º, João Tino, F. Leal Júnior II, Facó, João Beleza, António Reis, João do Minho, José da Silva Lopes, Sara Milhano,

Alvaro Meneses 1.º, Joaquim Roela Ventura, Chico dos Figos, José Amadeu Martins de Lima, João Beleza II, Sepol.

### Concorrentes com 7 pontos:

Arnaldo Pereira, António Pereira, António Carneiro, Alexandrino Machado, Clarinda Mendes da Silva, Herói sem fama, Manuel Cerqueira I, Serafim Pinto da Silva, Saxies 3.º, Belarmina Costa da Silva, Juca, Camilo Alves, Clotilde Matos Cordeiro, Aug. António Flores, António Aug., António Soares de Sousa, Alberto Pinto 2.º, Fernando A. R. Silva, Felicidade Beires, Pirolito, Sepol, Moisés Pimenta da Costa, Joaquim Jorge Martins de Lima, Alvaro Moreira, Gubipilo, Amaraí, Um admirador de a MARIA RITA, Eduardo Serrano, João Maria Pintão.

### Concorrentes com 6 pontos:

António Amaral, Pirolito, Domingos Ferreira da Silva, Pântasma Negro, Carlos Aug. Rodrigues, Luciano da Rocha, Alberto Pinto 6.º, Alberto Pinto 3.º, Joaquim Queiroz, Vítor Rodrigues, Américo da Silva, Kinkinho, O homem que nunca ri, Manuel de Figueiredo, Hernani José Baptista, Satnás, Joaquim da Fonseca Pires, M. Augusta, Eduardo Leiria Dias.

### Concorrentes com 5 pontos:

Arménio Alves da Silva (Rei Vagabundo), Fernando Coelho da Silva, Delim de Freitas, José Pereira Vieira, Horácio Ferreira, Fernando A. R. Silva, Francisco Oldemiro Carneiro.

## A Adega Ideal do Lavrador

de Magalhães, 53-55, Telef. 2184; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Corboaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Banharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 638; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Aven. Serpa Pinto, Telef. 275 — Matosinhos,

tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matosinhos 14 ADEGAS:

R. do Bombarjím, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; R. de S. Roque da Lameira, 2785; Aven. Fernão



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

A anedota é francesa, suponho, mas tem cabimento aqui.

Certo médico parisiense, grandemente afamado em cirurgia, viu entrar-lhe uma tarde pela casa dentro um rapaz que ele tratara de grave doença, e conseguira curar. Levava um volume debaixo do braço, e assim falou, enquanto o ia desembaraçando dos papéis que o envolviam:

—Venho apresentar-lhe os meus agradecimentos, senhor doutor. Minha mãe está contentíssima por vossa excelência me ter salvo a vida, e disse-me: — «Precisamos de oferecer uma lembrança ao senhor doutor.» Como sabe, temos uma loja de *bric-à-brac*. Modestíssima, mas chega para vivermos. Ora, há dias, apareceu-nos lá um candelabro em bronze, do século dezassete, que é uma maravilha. Com duas figuras deliciosas, representando provavelmente Adão e Eva. Pena é que não haja o *pendant*, porque, evidentemente, tratava-se de um par de candelabros iguais. Mas, ainda assim, é coisa de muito valor. Por isso venho oferecer-lha gostosamente.

Tinha acabado de desembrulhar a preciosidade, — e colocou-a sobre uma mesa. O doutor olhou, e quedou-se estarrecido. Não lhe parecia feio o candelabro. Mas o pior eram as duas figuras. Se com efeito se tratava de Adão e Eva, focara-os o artista antes de eles se terem utilizado da folha de parra como artigo de *toilette*. E depois, que carnção, que músculos! De dois antepassados assim, toda a humanidade devia ter saído com a estatura e as formas do Santa Camarão.

O clínico manifestou um entusiasmo fictício:

—Muito bonito, na verdade. Mas peço licença para não aceitar. Estou pago dos meus serviços. Nada me devem portanto.

—Ora essa, senhor doutor! Devemos-lhe muito! Posso garantir-lhe que este presente é dado do coração. Tem de ficar com êle.

Tentando outro argumento, o clínico voltou:

—Há mais uma razão, meu amigo. E' que este candelabro, sendo aliás uma obra de arte, afigura-se-me um pouco... *shoking*. Que dirá minha mulher, quando vir isto na sala?

—Não pode dizer nada de mau.

A arte é a arte! Os museus estão cheios de homens e mulheres nuas. Tenha paciência, senhor doutor, não me dê esse desgosto! Trata-se de uma obra de valor. Pena é que não apareça o outro candelabro, que devia fazer *pendant* com êste!

O doutor encolheu os ombros, assentindo. Mas, apenas o rapaz safou, pôs-se a pensar na maneira de tirar aquilo de ali. Ao fim de um quarto de hora, voltou a embrulhar o candelabro, sobraçou-o, e dirigiu-se para o escritório de um advogado seu amigo.

—Meu carol — disse êle, entrando.

—Estou muito satisfeito por ter vencido a demanda em que foste meu advogado. Claro que te não faço a ofensa de perguntar quanto te devo. Mas quero que aceites esta recordação minha.

—Ora! Para que te estiveste a incomodar? — contrapôs o causídico, desembrulhando a prenda.

O médico seguia-o com os olhos, e não deixou de notar o movimento que o amigo fez ao ver o candelabro.

—Que tal?

—Muito bonito, mas...

—Mas o quê?

—Tu compreendes... Recebo aqui muitas senhoras. A minha especialidade, como sabes, é divórcios, e isto pôsto aqui, diante dos clientes, até parece piada...

—Deixa-te de isso! Uma obra de arte é sempre uma obra de arte! Põe de parte êsses escrúpulos. E adeus, que estou com muita pressa. Tenho uma conferência...

Desceu as escadas a toda a brida, enquanto o amigo se quedava diante do candelabro, a coçar o queixo.

Nessa mesma noite, fazia o seu benefício um actor célebre, que ficou muito surpreendido ao ver entrar-lhe no camarim o advogado Fulano, que mal conhecia. Adiantou-se êste muito risonho, de braços abertos, ou melhor, com um só braço aberto, porque o outro sopesava um grande embrulho. E disse, de um fôlego:

—Meu caro senhor! Venho apresentar-lhe as minhas felicitações, e oferecer-lhe esta insignificante lembrança.

Nem esperou pelo agradecimento. Apertou a mão do artista, voltou costas, e perdeu-se nos corredores.

A cara do artista quando, meio minuto depois, se pôs a examinar o can-

delabro! Neste momento, ia a entrar uma actriz da Companhia, com um ramo de flores na mão. O actor atirou-se para a porta, gritando:

—Não podes entrar! Só podem entrar os homens!

E foi um homem — um outro camarada — quem, de aí a momentos, lhe aconselhou:

—Tu não podes ter isto aqui, de mais a mais hoje, que hás de ser muito visitado. Em casa, naturalmente, também o não queres...

...No dia seguinte, quando o médico abriu a porta do consultório, a primeira pessoa que se lhe deparou foi o rapaz da véspera, nadando em alegria e a gritar:

—Senhor Doutor! Veja que felicidade! Apareceu o *pendant* do candelabro, e corri a trazer-lho!

\*

Por que razão me surgiu na mente esta anedota? Por motivo da entrevista Ramada Curto. Também êste ilustre escritor foi uma valiosíssima prenda que apareceu um belo dia ao partido socialista. Mas rodaram os anos, e, por conveniências políticas, o partido ofereceu-o à Aliança Republicana. A certa altura, porém, o sr. dr. Brito Camacho oferecia-o ao único director em exercício do partido nacionalista. Escusou-se êste com os seus afazeres da Academia, e enviou-os ao dr. Afonso Costa, que bradou logo:

—Eu não posso aturá-lo. De mais a mais, estou longe. E' melhor remeterem-no ao ponto de procedência.

E o insigne dramaturgo voltou para o partido...

Final, o sr. dr. Ramada Curto, que tantas peças tem feito, alguma havia de pregar...

Marcial JORDÃO.



## Balancete da semana

Gostava do *pingato*, e era pedreiro.

Num de estes dias frios de Janeiro,  
bebeu um litro a mais,

e do álcool já toldado pelo fumo,  
foi trabalhar numa parede a prumo  
p'ra as bandas dos Guindais.

Claro que o equilíbrio era arriscado,  
assim erguido em cima de um telhado  
e a meio metro apenas dos beirais.

A certa altura — zás! — formou o salto,  
involuntário e rude, lá do alto,  
e veio estatelar-se sôbre o chão.

Acorrem os vizinhos, condoídos,  
e ao ver o pobre quási sem sentidos,  
levanta-se um clamor na multidão.

— «Como foi?» — interroga um militar.

E alguém responde, com sincera mágua:

— «Caíu de um quarto andar». —

— «De um quarto andar!... Tragam-lhe um copo de água!» —

Então o sinistrado, sem abrir

os olhos, ergue a mão, para impedir  
o gesto do vizinho,

e murmura, escarninho:

— «De que altura é preciso então cair  
p'ra ter direito a um copo ou dois de vinho?» —

\*

Se êste pedreiro fôsse morador  
da tal rua do Freixo, ou da Formiga,  
morreria de dor

que foi p'ra a gente uma tremenda espiga.

Água da Companhia; água do céu;

água da mina de uma quinta: tudo  
ao mesmo tempo, em tão forte escarcéu,  
que o génio mais sereno e mais sisudo  
de puro espanto e de pavor tremeu.

Tornou-se por tal forma grave a cousa,  
que foi preciso que no rio Sousa  
fechassem o caudal com brevidade.

Meus amigos tripeiros! Quem diria?  
Foi a primeira vez que a Companhia  
deu água em abundância na cidade!

\*

Na semana das festas mutualistas,  
houve conferencistas  
de muito brilho e de princípios sãos;  
e todos, numa aspiração suprema,  
versaram êste tema:

«amai-vos uns aos outros, meus irmãos!»

Ao mesmo tempo, davam-se estes factos,  
correspondendo aos líricos arroubos:  
cinco agressões e dois assassinatos,  
cegas de injúria, duros pugilatos,  
e não sei quantos roubos...

Houve também dois raptos amorosos,  
dois pares que fugiram, pressurosos,  
nas asas da paixão vivaz e ardente;  
e três ou quatro queixas de donzelas  
que deixaram, ouvindo frases belas,  
que Troia ardesse prematuramente.  
De maneira que o lema mutualista  
foi prègar no deserto.

Mas com pequena mutação à vista,

— «amai-vos uns às outras» — bate certo...

### Reis e desportos A sorte da realeza

Os jornais e as ilustrações todos os dias nos trazem mirabolantes fotografias representando os vários monarcas e príncipes que andam por êste mundo, jogando diversas modalidades desportivas.

E' o príncipe D. João Bourbon de Saxé a jogar o futebol; a princesa Cesária Orleans de Sacavém a jogar o «golf»; o rei Abdul Abadalo do Riffa-Te a jogar o «rugby»; a rainha Pimpinela Coburgo Gota a jogar o tennis... Enfim, é um nunca acabar de furiosice desportiva realenga!

E ganham sempre os monarcas e os rebentos da zoologia dos tronos!

Só há uma coisa que êles perdem quando a jogam, — é a coroa.

### O frio, a Senhora Húmida e os meninos de purp... urina

Tem sido um inverno rigoroso. E, quando êle é rigoroso, nada vale ao infeliz, segundo reza a quadra dedicada ao tradicional faduncho.

A água tem caído como quem se despede — mas sem se despedir, é claro — tornando-nos num regímen húmido obrigatório, capaz de fazer estremeecer a América do Norte com todos os seus beneméritos e patrióticos sêcos.

A acompanhar as borrifadelas celestinas, tem-nos sido proporcionado um tiritante frio bem apresentado e de pouca graduação. Um grau, apenas, quando não é nenhum!

Assim, não admira que tudo ande por aí a bater o dente, a esfregar as mãos, encolhidos como o caracol dentro da casca!

A menina Húmida, desguarnecida de roupas, nuazinha em pêlo, tem apanhado um taró de rachar. Se não fôsem os *chauffeurs* aquecerem-na com os cavalos dos motores, já teria morrido com frio.

Quem não sente a baixa de temperatura são os célebres meninos de purp... urina, os Pilatos da Avenida.

A gente passa por lá, olha-os de cima a baixo, e não lhes vê nada encolhido...

### Bombas e Neve Estátuas de gelo

E cá por nossa casa ainda a coisa não corre muito fria demais. Nos outros países é que é um taró — rapaziada!

Na Espanha a neve é tanta que até dá para se fazerem estátuas ao Senhor Azaña! E olhem que não é preciso empregar pouca neve, porque o fogoso esquerdistista é bastante volumoso e possui dor numa pança que o compromete de-veras junto das classes avançadas.

O que é para admirar, é que quanta mais neve cai em Espanha, maior número de bombas aparece. As malditas nem com o frio se encolhem!...

# Percevejos e Lágrimas



Coberto de percevejos e de lágrimas!... Eis situação pungente dum super-homem célebre na terra, no mar, nas regiões siderais, no Infinito! Quem é esse super homem? Não há outro: **eu eu!** Depois de Deus, ninguém pode dizer assim: **Eu sou!** Se *sou* (lá vai filosofia) é porque *eu* e *ser*... E que é que eu *seria*, se não *fôsse* *sou*? Grandíssimo problema que o patarata do Bergson ainda não resolveu! Mas há-de resolvê-lo, porque o hei-de intimidar à mocada, à unhada, à dentada, a coice... Comigo não há que reponar... Ainda ontem, entre as 10 e as 11 da noite, provei com energia, com estrondo, com heroísmo.

— Mafalda...  
— Meu senhor...  
— Armaste a ratoeira?  
— Não, senhor; esqueci-me!  
— E quem há de dar cabo dos ratos?  
— O gato... se êle ressuscitar. Coitadinho! Morreu de tinha.  
— Mafalda!  
— Meu senhor!  
— Não repontes! Uma! duas! três! Arma a ratoeira!  
— Mas...  
Uma conjunção adversativa?! Espera, que a levas o tróco! Zás pás! — duas interjeições tribundas, a que a triste e mesquinha respondeu com interjeições humildes: *ai! ui!*... Tinha gramado uma sova quilométrica... Sou assim. Ninguém se fez... que eu saiba.

Mas... coberto de percevejos e lágrimas... De percevejos, por ser da *Protectora dos Animais*. Porque gosto do Damião? Por êle ser um camaleão. Porque adoro o Camacho? Por êle ser um orango-tango. Porque idolatro a romancista da *Desorientada*? Por ela ser uma aranha... por sinal, com voz de cotovia. Porque simpatizo mais com o historiador Gama Lôbo do que com o Hercúlo? Por ter no sobrenome o nome duma fera adorada. E assim a minha paixão por Bulhão Pato, por Latino Coelho, por Silva Pinto, ou Pintalinho, por Silva Gaio, por Andrade Corvo, por Coelho Lousada, por Arnaldo Gama (lembra a esposa do gamo), por Teixeira Pinto, (o pintalinho contemporâneo), por todos os Campos Monteiro... (Explico. *Campos* não dá ideia só de prados e hortas; lembra uma infinidade de bichinhos. E *Monteiro* anda amarrado à *caça grossa*. Quem me dera ser *monteiro!* — exclamo eu, muitas vezes, nas horas de modestia em que deixo de ser super-homem e baixo humildemente os olhos até aos *pintos* de várias capoeiras e chocadeiras...).

Mas, assim afeiçoado aos *animats nossos irmãos*, que admira que me afoguem as lágrimas, se vivo nesta infernal Lisboa?  
Saio de casa, muito satisfeito, com trinta pulgas, dez percevejos, a bicha solitária no banducho, vinte formigas nas canelas, algumas moscas nas orelhas e com jubilosas suspeitas de ter na cabeça três ou quatro insectos vagabundos... Vou feliz. Encontro muitos burros, alguns cães, que evito por cerimónia, focas deliciosas, vacas rechonchudas, gatinhas mexidas, ratos de tribunal e de sacristia, mosquitos por cordas...  
Na felicidade que gozo nem uma sombra. Parece-me estar em pleno Jardim Zoológico. Os polícias, lembram saguis. Os mercieiros, lembram cevados. As costureiras, lembram cachorras. Os mancebos, lembram bezerras. Os anciãos, lembram

chimpanzés. A todos sorrio e cumprimento... Mas isto é em Lisboa.  
De repente, um safanão, um ronco, dois pinotes.  
— Está preso! Ofensas à moral pública!  
Um tigre fardado me fila pelo braço, dando-me maçoas com o chanfalho.

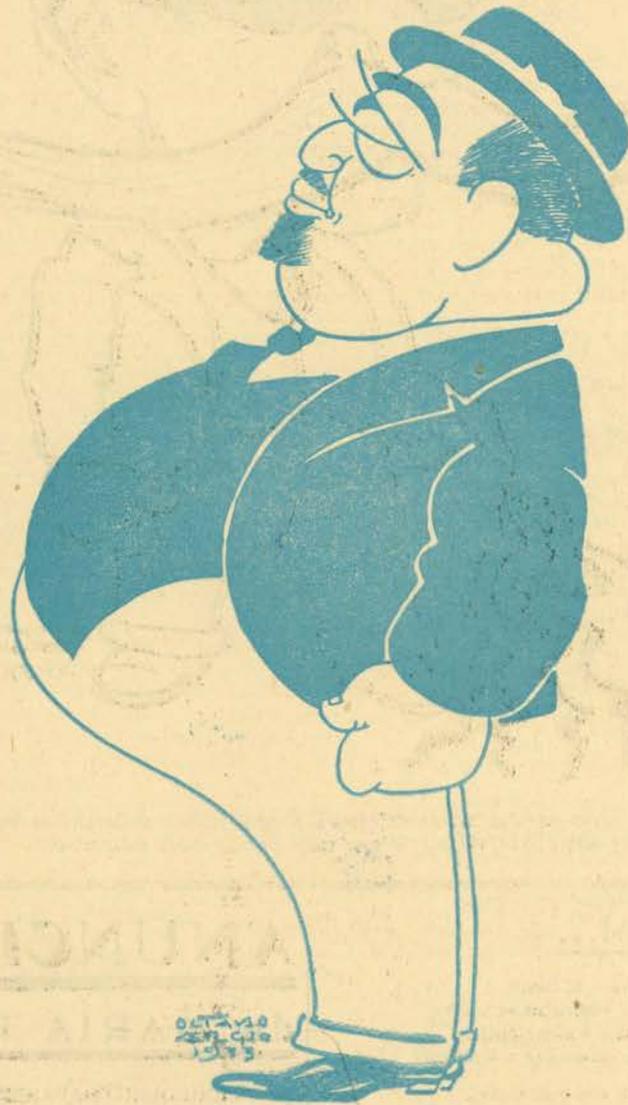
— Mas, senhor guarda... que mal fiz eu?... Não belisquei ninguém... Não mordi...  
— Leva a bicha de fora! Seu estanhado!  
— A bicha?!... Qual bicha?... Você estará utilizado?... Matou o bicho e tem medo da viúva, da bicha?  
Porém, logo me calo e sucumbo. Era verdade. A maldita solitária, arrancando-se das profundezas do bandulho, depois de furar as roupas, oscilava, serpeava, pulava... Oh! a ténia!... Tratem da ténia, padecentes do Norte ou, se a tiverem, fujam das grandes avenidas de Lisboa onde as bichas não andam à vontade como os bichos...

CHORAMIGAS.

## PERFIS DO PORTO

XXXIV

DR. ROMULO DE OLIVEIRA



Fundador de Roma... no tempo de Scévola!

Para Pintar Use MURALINE

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

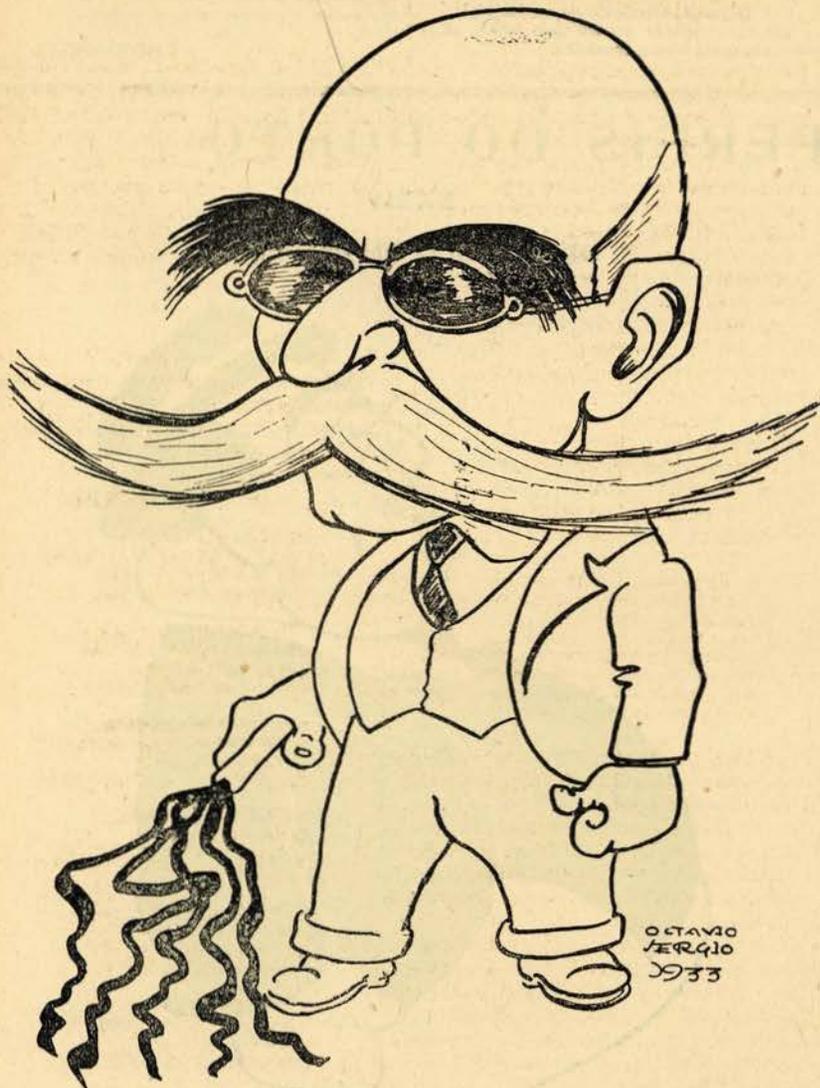
prepara em 10 minutos  
seca em 10 horas  
dura a 10 anos

# Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

IX

## HOMEM CRISTO



*E' certo que este homem exagera porque chama malandro a toda a gente. Mas o pior não é isso! O pior é que cada vez há mais malandros.*

### Outro!...

*A folhoca de Cacia,  
Que é mestra na baboseira,  
Chamou à nossa MARIA  
Nada menos que — Rameira!*

*Agora vem o de Gaia,  
Que é também mestre na asneira,  
Dum salto transpõe a baía  
E chama-lhe — Piteireira!*

*Nas parelhas à MARIA,  
Ambos dão tremenda raia!  
— Primeiro veio o Cacia...  
Agora temos cá Gaia!*

BISNAU.

## ANUNCIOS da MARIA RITA

**SALCHICHARIA HAVANEZA**—Este acreditado estabelecimento continua a vender caixas de fósforos da companhia com o número de lumes reduzido a  $\frac{2}{3}$ . Vendem-se todos os dias, desde as 9 às 8 da manhã.

**ARMAZÉNS DE MODAS**— André Bilião faz público que trespassa pelo dôbro os terrenos que tomou de emprazamento no dia mais feliz da sua vida. Quem pretender dirija carta fechada em bilhete postal para a R. do Pinheiro, pôr do sol, 1.º lado oposto.



## Cenas da vida

Ele é médico dentista,  
Novo ainda, sem clientes  
E anda à cata de conquista,  
Que tenha falta de dentes...

Ela é feia, desdentada,  
Veste bem, parece rica,  
Mas afinal não tem nada...  
E na aparência se fica...

Vi-os dançar, enlaçados,  
E ouvi este madrigal:  
«Que lábios tão bem talhados!...  
Que boquinha divina!»

Trocaram beijos sem conta;  
Mas o dentista, finório,  
Disse, ao vê-la meia tonta:  
Amanhã... no consultório...

Despediram-se. Mais beijos;  
E, na cama, entre lençóis,  
Ambos tiveram desejos,  
Tiveram sonhos os dois.  
Ele, sonhou com milhões  
De dentaduras a pôr;  
Ela, estudou posições  
Na «marquise» do doutor.  
E à hora da consulta,  
(Ou, melhor, da entrevista)  
Notando que ela exulta  
De contente, o bom dentista;  
Entre dois beijos ardentes  
Diz-lhe sorrindo, brejeiro:  
Precisa tratar os dentes,  
Por que a boca tem mau cheiro...

Desléz-se o sonho previsto?  
Chora, sentida, a donzela  
Exclamando: Foi, por isto,  
Para arranjar clientela,  
Que me disse, ontem, que eu tinha  
Uma boca divina!  
E hoje de manhãzinha  
Me diz que ela cheira mal!...

### Conceito

*Hoje em dia quem se maça  
A' procura de conquista,  
Do dinheiro anda à caça,  
Tal e qual como o dentista.*

Dr. PRETITO.



# DESCANSO SEMANAL

Resposta a um artigo indefinido que o sr. Pérola Verde escreveu no "Ecos de Cacia" contra a MARIA RITA em geral e contra esta secção em particular

Começamos por declarar aos nossos leitores que não conhecemos o ilustre colaborador da padaria do sr. Damião, a-pesar-de êle nos conhecer a nós pelo nome do baptismo. E' natural que assim aconteça porque temos gasto pão de muita fôrma e de diversas padarias; mas quanto ao seu nome e predicados nada sabemos. E' fácil no entanto, pelo seu pseudónimo, ajuizar que seja filho de alguma ostra biliosa, destas que teem os mais variados recheios conforme o paladar de quem lhos confecciona.

Pois êste homem, que a-pesar-de tudo é uma pérola, vendo que o Damião não dava sorte, tomou a vez de êle e veio para o redondel manhoso e esgravatante. E dizemos assim porque é assim mesmo: manhoso, porque se não põe a peito descoberto; e esgravatante, porque em 64 páginas da MARIA RITA, consegui encontrar quatro letras fora do seu lugar.

Intitula o seu artigo à moda antiga

## Campo da Honra

e começa duma forma que parece um descendente do célebre Fuas Roupinho. Vamos transcrever passo a passo o tal artigo, poupando aos nossos leitores o delírio das gralhas, para melhor compreensão. Só fica ali um *sofrer-mos* para mostrar os conhecimentos do autor.

*Há muito tempo que nos chamam d'liça. Mas, como dentro dos nossos princípios cabe o velho adagio «palavras de... parvos não chegam ao ceu», temos posto á prova toda a nossa paciência, para sofrer-mos, resignados, as permanentes ferroadas dos réptis venenosos, que bem mereciam ser esmagados pelo tacão do sapato, na propria lama em que se revolvem.*

Que Deus Nosso Senhor nos livre de ficar esmagados algum dia pelo que o Sr. Pérola Verde chama triunfalmente o seu tacão do sapato. Se tal se desse era uma autêntica en... cravação.

Continua:

*«Maria Rita», esse misero panfleto nortenho, declarou-nos guerra. E embora nos repugne terçar armas com creaturas de tal jáz, a verdade é que, não podemos mais suportar as censuras da consciencia indignada, que nos chama cobardes.*

*E' pois no cumprimento dum dever sagrado que aceitamos o reptio, convictos de que bem ardua nos será a tarefa de sustentar a peleja com tão numeroso grupo adversario, armado até aos dentes e protegido pela sombra negra do humorismo, enquanto que nós, apenas dispondo duma tenue e pequenina tauca, somos forçados a recebê-los de peito livre.*

Vejam a diferença de tratamento!

Este homem, em paga de nós chamarmos ao papel de embrulho lá da padaria o célebre *Ecos de Cacia*, chama-nos a nós um misero panfleto nortenho. E esta frase é nova, novíssima... é uma frase *bijou*. Quanto ao segundo, em que a Pérola Verde se torna vermelha de indignação, lembra-nos não sei porquê um alto relêvo muito antigo, em que o S. Gabriel, a cavallo, com uma *tenue* lança na sacratíssima mão, está a lutar desesperadamente com uma bicha de sete cabeças!... Tadinho...! E levado pelos vulgaríssimos lugares comuns com que preenche o *plastron* onde se encastou, e para não perder a tirada filipina, chama sombra negra ao humorismo em geral, como podia chamar regueifa a outra espécie de pão.

E termina destarte o intróito do seu formidável lavarrabos.

*Resta-nos porem o escudo da verdade, para fazer cintilar um facho de luz sobre a treva onde se occultam as hostes inimigas e, dispersas estas, faremos ruir estrondosamente o forte da mentira — unico obstaculo que nos infunde pavôr — para desfraldar-mos a bandeira da paz, no campo da honra.*

Chega a gente a ter a impressão de que está a ler um discurso do tempo da Independência!

E depois não percebemos lá muito bem. Como diabo é que o homem, depois de fazer ruir estrondosamente o forte da mentira, consegue levantar a bandeira da paz?

Não seria muito melhor que o sr. Pérola Verde aproveitasse o *escudo* da verdade para alugar um sítio onde fôsse occultar as hostes e desfraldar á vontade o que quisesse? Em qualquer outro campo, pode ser saudável e honroso; mas é feio.

E agora só mais um bocadinho depois do intróito, que ainda é outro intróito.

*Senhores criticos. Deem-nos a arma da lealdade distribuam pelos vossos adeptos os da traição, da mentira e da calunia. Recomendem a maxima vigilancia aos famigerados espiões do bando (Olegna, Zefiro, Migue-Linho, Rutra Luar, etc.) e vamos a isto:*

E' nesta altura que o homem se põe na sua posição normal. E depois de esguichar um período que ninguém entende (*não modificamos uma vírgula*) dá ferradelas a alguns dos nossos colaboradores e amigos, com grande pena de não poder *escupir* nas mãos nem pegar no cacete.

Vamos a isto: Pois vamos lá, sr. Pérola Verde, que a coisa vai ser falada. Mas por hoje basta, que o *Ecos de*

*Cacia* a-pesar-de ser uma apreciável fantochada, não merece mais do que uma página do nosso *misero panfleto*.

E fique certo que, a-pesar do seu pedido mimalho, não lhe poderemos fornecer a arma de que necessita. Não é porque a não tenhamos à mão de semear; é porque, para si, é mais fácil pedi-la a um santo da sua devoção.

Do mesmo semanário recortamos essas quadras, que são uma perfeição, de linguagem, de conceito e de metrificacão. Onde diabo irá o Damião descobrir os colaboradores?

## A' Primeira Vista

*Fis-me amar um dia,  
Por uma menina bem restólha.  
Mas ao encarrar com ela,  
Vi logo que era zarólha;*

*Notei mais por um bocão,  
Que era também cambêta;  
Mas eu não fiz caso  
Por o amor ser de pêta.*

*A pesar de ser cambêta,  
Tinha uma cara separada;  
Eu logo notei nela;  
Que não prestava para nada;*

*A côr d'ela não é boa,  
E côr amodelada,  
O que eu acho mais engraçado,  
E' o talho da sua saia.*

*E' moda, e é talho de funil,  
Bem liza e bem cartilha,  
Aquilo cá para o Lomeser,  
Escuza de tanta coisinha*

*Com sua sala de funil,  
Com sua beluza de passorôta,  
Dizem-nos que ela é,  
Do lugar de Sarrazota.*

*Usa casaquinho d' mamã,  
E' uma menina bem fulhetra,  
Anda haver se enlude algum,  
Para que caia nasneira*

*O que ela quer, é uma sombrinlha  
Que a que tem é pequena;  
Veja se há algum;  
Que tenha do paixão e pena;*

*Hoje ficamos por aqui;  
Já estou quasi cansado;  
Para a semana se puder;  
Contarei o resultado;*

11 | 932.

Abên.

Vá lá! Nós já admitíamos que o *Ecos* dissesse asneiras com as palavras do nosso vocabulário. Agora que as inventasse para nos presentear, achamos forte. Mas não há remédio senão aturá-lo.

J. d'A.

# S. Mamede contra o Senhor de Matozinhos

## Abaixo as barreiras Viva a entrada livre!

**E'** do conhecimento do público pela grande imprensa, que a risonha freguesia circunvizinha do Pôrto que se intitula alacrememente S. Mamede de Infesta, deseja à viva força a sua anexação à cidade. São contos velhos que os camaristas de Matozinhos não vêem com bons olhos, não se sabe muito bem porquê, mas que conseguiram nesta altura alcançar o verdadeiro ponto de rebaçado.

MARIA RITA não é por uns nem por outros, porque, se é certo que gosta de S. Mamede cá por coisas, também é certo que não despreza Matozinhos por causa do Farripas. Mas está a dar-lhe cuidado esta nova guerra santa, e por isso resolveu entrevistar as eminências na questão, deixando, propositadamente, de colhêr as impressões dos principais interessados, que são, sem dúvida o risonho S. Mamede e o sizudo Senhor de Matozinhos.

Comecemos pelo

### Dr. Campos Monteiro, Pai

como orador oficial da comissão pró-anexação. Cumpre-nos em antes, declarar que Sua Excelência, que nós julgávamos até hoje livre-pensador e conservador dos mais firmes, deixou agora de ser uma coisa e outra, porque passou a andar com o S. Mamede às costas e não descansará enquanto não fôr cidadão. Outra razão tem ainda para não ser conservador: é que em Matozinhos, casa sim casa não, é uma fábrica de conservas...

Ouçamos Sua Excelência.

—Quero ir para o Pôrto por muitíssimas razões. De entre elas escolherei duas das mais fortes. A primeira é que dessa forma deixaremos de necessitar anuais da Carris; e a segunda é que Matozinhos, a nossa mãe adoptiva, até hoje só tem olhado para o mar. E nestas coisas de interesses concelhios, meus caros amigos, nem tanto ao mar nem tão pouco à terra.

—Mas dizem que Vossa Excelência...

—Dizem, mas é mentira. E se Você quer saber mais alguma coisa, procure ali o meu filho que é êle quem me substitui quando estou doente.

Não tivemos outro remédio e fomos encontrar o

### Dr. Campos Monteiro, Filho

ocupado a dar dois pontos, naturais numa câmara de ar.

Sua Excelência mal nos viu, disse logo:

—Já sei ao que veem! É por causa da anexação, não é?

Confessamos que realmente era isso, e que andávamos intrigados por ver uma comissão composta por um padre, dois médicos e dois farmacêuticos.

—É por isso que a resistência de Matozinhos tem de morrer às nossas mãos. Se fôr preciso, chama-se também o Leça Armador. Não há direito que a Câmara de Matozinhos faça objecções à nossa pretensão. Isto é lógico: quando um filho cresce, vai ganhar a vida pelo seu pé. Eu também fui para a Africa, e o Pôrto é muito mais perto.

—E V. Ex.<sup>a</sup> vê conveniências na entrada de S. Mamede para o Pôrto?

—Pois claro. Desta forma deixo de ser João Semana, e já os guarda-fiscais camarários não terão de me mandar parar na barreira. E se Deus quiser ainda havemos de levar a Chica Castanheira para a Praça da Liberdade. Custe o que custar havemos de levar S. Mamede para o Pôrto.

Era tarde. Por isso deixamos o doutor filho e fomos para o Caminha. Quere dizer, entrevistar o sr.

### Manuel Chaves Caminha

ilustre vereador de S. Mamede na Câmara do Concelho, e negociante de cereais e farinhas nas horas interme-

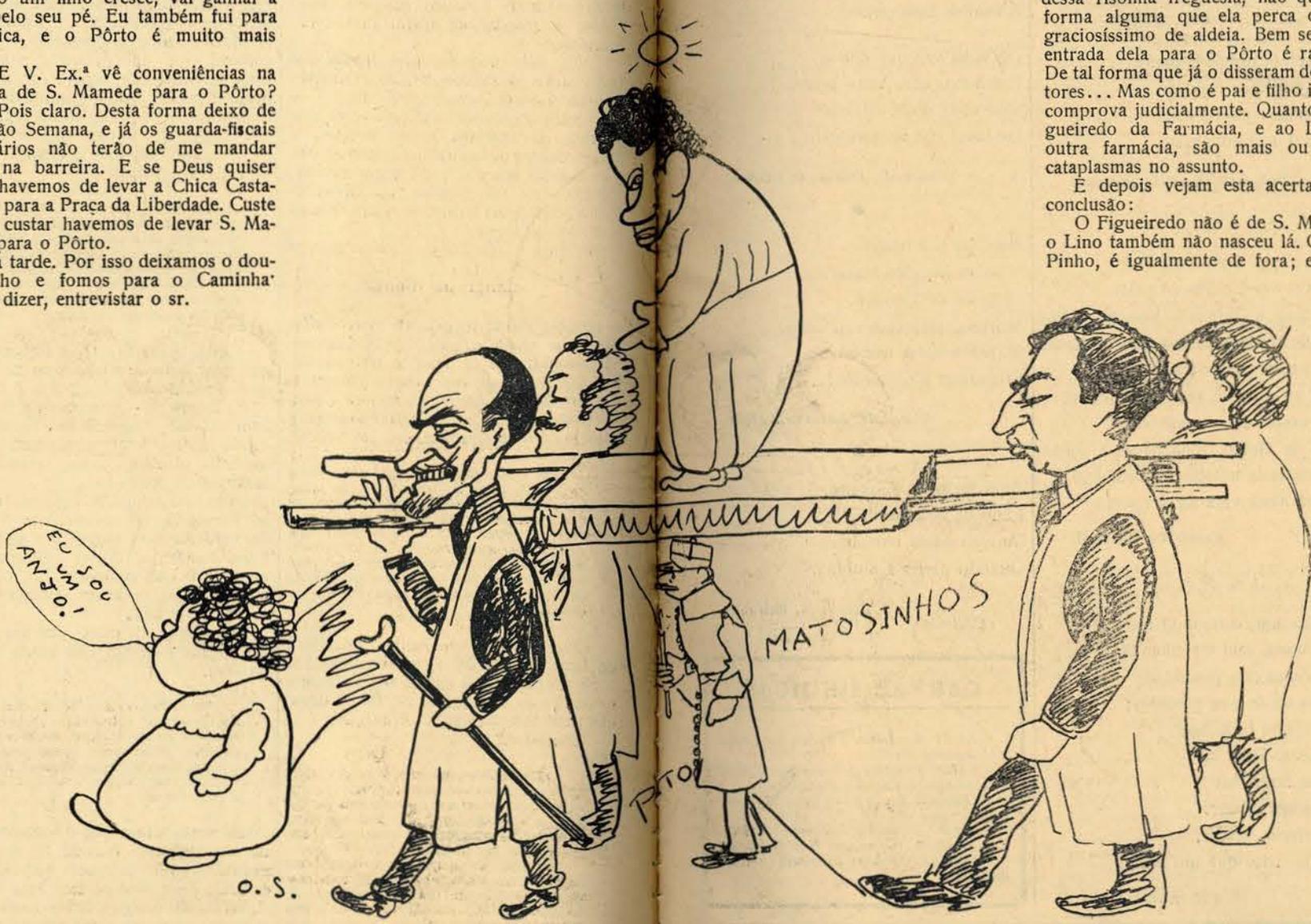
diárias. Fomos encontrar S. Ex.<sup>a</sup> na rua de Santa Tereza sentado num sacco de cabecinha.

São dêle as palavras, que se seguem: —Vir ou não vir, eis a questão.

S. Mamede é e tem sido sempre uma freguesia circunvizinha. E sendo assim como é que ela tem pretensões a ingressar no cerco do Pôrto? Deixará de ser circunvizinha para ser circunjacente no Pôrto. E eu, como representante dessa risonha freguesia, não quero de forma alguma que ela perca o título graciosíssimo de aldeia. Bem sei que a entrada dela para o Pôrto é razoável. De tal forma que já o disseram dois doutores... Mas como é pai e filho isso não comprova judicialmente. Quanto ao Figueiredo da Farmácia, e ao Lino da outra farmácia, são mais ou menos cataplasmas no assunto.

E depois vejam esta acertadíssima conclusão:

O Figueiredo não é de S. Mamede; o Lino também não nasceu lá. O Padre Pinho, é igualmente de fora; e o pró-



prio Dr. Campos Monteiro, também é um transmontano. O único que é de lá é o Campos Monteiro Filho. Desta forma, compreende-se bem o desinteresse dêles pela mãe carinhosa e amiga.

—Mas, objectamos nós—V. Ex.<sup>a</sup> também não é de lá....

—Pois não, mas vou pedir filiação.

### Entrevistando o Senhor de Matozinhos

Sabido com o que contávamos em S. Mamede, fomos para Matozinhos. Uma vez lá, fomos directamente procurar o Senhor de Matozinhos para não perdermos tempo. Respondeu-nos em seu nome o Dr. Cardia Pires que estava munido da respectiva procuração.

—Eu vos digo; começou êle, a injusta pretensão dos mamedenses não tem razão de ser.

Que é que lhes falta debaixo da nossa Santa guarda? Não teem estradas? Mas temos nós. Andam pobres a bater por lá a tôdas as portas? Mas nós temos um bellissimo Asilo. Querem ser cidadãos? Mas a verdade é que dentro em pouco, se se deixarem estar quietinhos farão parte da cidade de Leixões. Querem ir para o Pôrto? Mas não teem êles já o Pôrto de Leixões? O Resto é tudo movido com o firme propósito de não deixar Matozinhos elevar-se.

E deixou-nos com uma cara que mostrava bem os desejos em que ardia por nos ver pelas costas. Nós fazemos-lhe a vontade.

### Falando com Eurico Felgueiras, o protector dos Pobres

Fomos de ali, e como não tivéssemos outro banco à mão de semear, aproveitamos o do Eurico que é ali mesmo na Rua Brito Capelo. (E' favor não confundir com outro Banco Amador que lá existe).

Encontramo-lo a distribuir meias de lã por 750 pobrezinhos lá do sítio, os quais agradeciam com um —seja pelas suas alminhas.

—O quê? S. Mamede para o Pôrto? —atirou-nos êle mal nos sentamos. Isso é caso para ser convenientemente discutido. O melhor é fazer-se uma eleição. Eu disse sei, graças a Deus! O sr. Dr. Cardia que lhes diga! E dessa forma já se saberá o que o laborioso povo pretende.

E no final de contas, a MARIA RITA ficou sem saber se há de dar a sua esmola ao S. Mamede ou ao Senhor de Matozinhos.

**CASA DAS GABARDINES**  
Rua Santa Catarina, 134 e 138  
PORTO

Artigos impermeáveis para homem, senhora e criança.

A única, a verdadeira, a que mais barato vende. Não confundam.

**CASA DAS CASIMIRAS**  
Avenida dos Aliados, 1 a 5—PORTO  
(Edifício da Nacional)

Filial da **CASA DAS GABARDINES**  
Confecção esmerada. Fatos, gabardines e sobretudos.



# A Q U I J A Z

CONCURSO DA "MARIA RITA" 50\$00 ao melhor epitáfio publicado

Nesta cova tumular  
bendito seja o descanso,  
aqui já não há balanço  
como quem vai viajar.  
Nada há a recear,  
tudo aqui me corre bem.  
Aposto, não há ninguém  
que recuse esta cóvinha,  
pois se até a sogra minha  
p'ra'qui há de vir também.

Remetente: Pirlau.

Aqui jaz Manel Sardinha  
Comandante do "Fuinha".

Em vida foi marinheiro  
Duma resistência forte.  
Comandou lindo veleiro,  
Que o conduziu para a morte.

Dos seus deveres cumpridor,  
A Parca seguiu-lhe o rastro.  
Teve um fim comovedor:  
Morreu agarrado ao mastro!

Remetente: Julifer.

Aqui jaz o ladrão-mor  
Tio António Zé das Gatas,  
Que uma congestão de batatas  
Levou d'esta para melhor.

Remetente: Rutra Luar.

Descansa amigo, que a terra  
Nunca te pese de mais.  
Fôste pai; porém teus filhos,  
A outros chamaram pais.

Remetente: Zé Menes.

Jaz aqui Damião padeiro  
De Cacias o safado,  
Um calino verdadeiro  
Seus Ecos tem dado brado.

Remetente: Reirobi.

Aqui jaz um pobre homem  
Que se chamava Negrão,  
Por desfaltar uma Ordem  
Morreu d'uma congestão.

Remetente: Horácio Ferreira.

Levou sempre a vida regalada  
Todos cravou á custa do palão  
Nunca pagou, ferrando sempre o cão  
Nem que fôsse à pessoa mais pintada.  
Jamais houve maior trampolineiro  
Tudo teve e gozou sem ter dinheiro.  
E aqui neste pobre cemitério,  
Mesmo já morto, inda pensa e sonha  
Que será neste mundo ser-se sério?  
Que será nesta vida ter vergonha?

Remetente: Horrivel.

O que eu aqui contemplo!  
Sempre mau, sem ter emenda,  
Assim viveu esta prenda  
Que não serve p'ra exemplo;  
Nunca soube bem fazer  
Pois era de força tal.  
Se podia fazer mal  
Era êsse seu prazer.  
Se há inferno, patife,  
S'tás mais frito que um bife.

Remetente: Ursus.

Aqui jaz a dobadeira  
Perpétua Pinto Pesqueira.

Tinha muita freguesia  
E um trabalho bem perfeito  
Em casa da sua tia  
A muitos fazia geito.

De tanta vez que dobou  
E a dobar com tanto brilho.  
Que certa noite esticou  
De tanto dar ao sarilho!...

Remetente: Delfim de Freitas.

Aqui jaz o boticário  
Nicolau Mendes Macário,  
Oriundo de Lordelo.  
Morreu calvo como um ôvo,  
Só por ensaiar um novo  
Preparado p'ró cabelo!...

Remetente: Adriano X. Nel.

Aqui jaz o Zé Sequeira,  
Filho de boa família;  
Morreu duma bebedeira  
Quando partia a mobília.

Remetente: Reirobi.

(Continua).

## CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos e 15 quadros Pirlau.  
Carlos Alberto: A revista em 2 actos e 15 quadros O Dia das Romarias.  
Olympia: Espectáculos pelas Marionetes, e cinema.  
Rivolt: A comédia musicada O Boneco.  
Trindade: O notável filme Deliciosa.  
Batalha: O filme da aviação Titans do Céu.

## Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho . . . . . 9\$00

Jantares com vinho . . . . . 10\$00

Diárias com quarto desde . . . . . 18\$00



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Eu não costumo queixar-me das *gralhas*. Palram pãga e papagaio, e cacareja a galinha; os ternos pombos, arrulham; geme a rôla inocentinha. Nesta quadra, e em tôdas as quadras do ano, verifica-se que os animais teem voz, voz muito activa. Ora, basta juntar quatro caixotins, um tipógrafo, e um escritor de poucas letras legíveis, para, agitando antes de usar, — a *gralha* sair, ovante como todos os oviparos, feliz como todos os irracionais, ufana como qualquer passageiro sem bilhete que se passou ao fisco do revisor... Tôda a gente tem direito à vida airada Vivam as *gralhas*!

Na última carta que te escrevi, porém, appareceu uma de duas respostas que, justamente por não affectar prosa minha, e apenas alterar um provérbio que eu citava, me impõe o dever de restituir o alheio à sua pureza, com um desvelo que, podes crer, não teria por produção própria.

Eu escrevi, como tôda a gente diz: — é preciso *malhar o ferro* enquanto está quente; e a *gralha* emendou: — é preciso *molhar o furo*, etc....

Talvez a *gralha* tivesse razão. Eu não sou automobilista; mas sempre que, depois de um estouro, me vi arrumado a uma valeta, numa estrada solitária, tenho verificado que o motorista trata de *molhar o furo*, para o tapar. E pode bem ser que, alheia também ao automobilismo, a minha querida *gralha* encarasse outra espécie de conselhos, a outra espécie de motoristas, noutra espécie de veículos e de estrada... Não sei. Não quero saber. Cada um, governa-se. O que sei é que, entre as duas variantes do provérbio, — a de tôda a gente, e a da *gralha*, — depois de pesar todos os prós e os contras, depois de analisar a eufonia, o ritmo, tôdas as circunstâncias de estilo, eu prefiro a variante de tôda a gente, a que escrevi, a que adopto: — *malhar o ferro*.

Peço-te pois que, excepcionalmente, recolhas a *gralha* ao bucho.

Tem-se desenrolado, com grande brilhantismo e publicidade, A *Semana do Mutualismo*, salutar iniciativa do *Século*. São louváveis, inquestionavelmente, todos os esforços que fazamos para criar e fomentar entre nós o espírito de colectividade, o espírito de *associação*, — tão diversos do espírito de *sueta* que viceja em mais de um sector mental português.

Desde que se conseguisse, entre officiaes do mesmo officio, uma solidariedade pelo menos official, e se possível officiosa, muitos passos andaríamos por bom caminho. E eu não descreio; pelo contrário.

De uma coisa discordo, porém, num assômo de discordância formal que não exclui uma formal solidariedade com o movimento: — é do nome.

A *Semana do Mutualismo*? Que pena! E' como uma mulher bonita que se chamava Pro-cópia.

Ao principio, enquanto lia sômente as paragonas, cheguei a supor que se tratasse de uma semana em que à nossa verbosidade se applicasse o correctivo de oito dias de bico calado. Sim. Que

durante uma semana todos os grandes faladores fôsem mudos; semana do mutualismo, semana dos mudos... Com um pouco de boa vontade na derivação, lá se ia dar. Os sociólogos, os politicos, os pensadores, tôdas essas grandes camadas de loquazes, — aprenderiam assim as virtudes proficuas e profundas do silêncio de Conrado. Mas não era isso. Pelo contrário. Logo se ergueu dos flancos vulcânicos da montanha um tal repuxar, tão fumegante e fêrvido, annunciando conferências, conferências, conferências, — que a perspectiva do silêncio se diluiu, num rumor de erupção. Tantos conferências, que cheguei a supor que eram conferências de contas atrasadas; e que a semana do mutualismo seria a semana dos contratos de mútuo, oito dias de suspensão nos juros das casas de penhores, um rasgo de ousadia libertadora por parte de tantos tímidos que andam sempre com cautelas de prego, um desabrochar de solidariedade humana nos corações marmóreos dos mutuários...

Mas não. Também não era isso.

Era mais. Era melhor. E não era tanto... Aqui, ali, foi talvez uma semanazinha de elogio mútuo; a «semana santa» de um culto que dura o ano inteiro, e que é uma das formas mais *fixes* do «mutualismo» português. De uma forma geral, porém, foi um êxito, porque foi um bom sintoma. Nós somos muito solitários do que solidários. Bom seria que caminhássemos para noções effectivas, e mesmo affectivas, de solidariedade verdadeira. Conseguirá *O Século* fazer vencer a sua campanha?

Oxalá. Tome, porém, cuidado, com alguns dos que mais ruidosamente acorrerão a secundária. Não há campanha sem tenda de campanha... E eu conheço muito cavalheirinho que, em tôda a campanha, o que procura é angariar fregueses lá para a tenda...

As agências telegráficas, assim chamadas porque despejam pelo telégrafo catadupas de prosa que não teem fim, divertem-se com casos e pessoas patuscos, quando não teem calamidade que as alimente, ou propaganda encapotada que lhes convenha fazer.

Achei muita graça a uma noticia da primeira espécie, referente a um general chinês que com certeza não existe. Ao que parece, o mavórtico filho da Celeste República mandava regularmente os corpos dos bandidos, mortos pelos seus homens, a um Instituto de Medicina onde com êsses corpos se faziam importantes estudos. O director do Instituto queixou-se de que os soldados, mutilando os cadáveres, prejudicavam êsses estudos. E em amável resposta, o general declarou-lhe: — «*De aqui em diante, mandar-lhe-ei os bandidos vivos, para V. Ex. os poder matar segundo a forma que melhor convenha aos estudos scientificos dêsse Instituto.*»

E' de crer que o destinatário da carta ainda não parasse de correr...

Mil saúdes do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## Três anedotas inglesas

(ADAPTAÇÕES)

Um inglês, dêstes ingleses altos e esguios como chaminés de fábricas, entrou com tôda a sua fleugma num restaurante, um restaurante moderno e afamado.

Sentou-se, pediu a lista e depois de escolher os pratos preferidos, dispôs-se a saborear os petiscos encomendados.

Comeu e pediu a conta. O criado depois de fazer uma vénia, entregou a conta.

O inglês atirou uma nota para cima da mesa e dispunha-se a sair quando o criado o interpelou aflito:

— Senhor, senhor, esta nota não presta!...

— E' como o almôço, *garçon!*

E saiu.

Outro inglês, ruivo e feio, chegou a um hotel. O gerente acudiu solícito.

— Qual o preço dos vossos quartos?

— 50\$00 no primeiro andar, 35 no segundo e 25 no terceiro. Deseja algum? Há compartimentos luxuosos com água e...

— *No! vosso hotel ser baixo de mais para minha pessoa!*...

Durante a grande guerra, dois officiaes ingleses em licença de dias, foram parar a uma quinta.

A caseira, uma mocetona fresca e de pouco mais de uma vintena de anos, acolheu-os sorridente.

— *Madame*, diz um dêles à caseira, podeis arranjar-nos um pouco de leite?

— Não há uma gota na quinta. Foi todo requisitado esta manhã. Mas como os senhores são nossos aliados e como devem ter necessidade, vou-lhes dar um pouco do meu.

E desabotoando a blusa, mostrou os seios, uns seios tímidos.

— Ah! — diz um dos ingleses rindo — felizmente que não pedimos água quente!

MIL REIS.





## Um caso clínico de apetite

Um médico inacreditável, saído da Faculdade com 20 valores, um burro que conseguiu distinguir-se entre os mais, contava há tempos a dois médicos de verdade, um diplomado com 11 valores e o outro com 10, um caso da sua clínica cavalara, salvo o devido respeito pelos doentes.

Tratava-se de uma coisa pneumónica na pessoa de um infante de 3 anos, que, feito aviador, bateu as asinhas para o Criador, ao fim de 15 dias de tratamento.

—Esgotei todos os recursos, — dizia o asinino galeno — Dei-lhe um banho sinapisado com 10 quilos de mostarda; pus-lhe um cáustico nas costas; tintura de iodo no peito... e por cima uma cataplasma de mostarda, mudei-lhe depois o cáustico das costas para o peito e pus-lhe uma cataplasma de mostarda nas costas; dois sinapismos nas perninhas; e como o mal não cedesse, tornei a dar-lhe um banho de mostarda...

Nesta altura, o dos 10 valores, subtil ironista interveio:

—E' claro, e depois meteste-lhe no rabinho um raminho de salsa e mandaste... servir com azeitonas de Elvas!

Dr. Honoris Causa.

## Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

XIII

### O Mosquito

(*insectus musicalis*)

Lyneu

O mosquito — *insectus musicalis* — é uma gimnospérmica alada, de pequenas proporções, muitíssimo habil para a música em surdina.

Há duas espécies de mosquitos, a saber: O mosquito macho e o mosquito fêmea. O mosquito macho é o mosquito propriamente dito e o mosquito fêmea ainda não sei bem como se há de chamar...

Chamar-lhe mosquita, além de pouco sério, afigura-se-me um tanto confuso, por causa das mosquitas que se usavam outrora por baixo dos bigodes.

Para que os meus alunos fiquem, porém, mais estúpidos do que nunca, usaremos o seguinte processo:

Escrever indistintamente — mosquito.

Claro que se perceberá perfeitamente, conforme o facto que se refira.

Se eu disser que um mosquito teve duas crianças de um ventre, concebo ipso facto que se trata de uma fêmea.

E assim à proporção... até que o mundo se perversa ao ponto de haver um macho capaz de ser mãe...

Que, verdade, verdadinha, já se passou uma vez uma dos diabos... Eu conto.

Um major reformado vivia com uma filha já senhora, a qual, na santa inocência, chamava pai ao citado major...

Este, estando doente gravemente, sentindo os avisos da Morte, chamou ao peito a sua estremecida filha e disse:

— Minha Filha, preciso de confiar-te um segredo...

— Confie, meu Pai...

— Pai! — diz o major, com uma voz débil quasi promovido a defunto — Pai! Eu não sou teu Pai, minha Filha! Eu sou tua Mãe! —?

— O teu Pai é o Pires da Farmácia!

Mas o assunto é vasto e nós temos que o desdobrar.

Veremos na próxima lição o Mosquito da Febre amarela — *Stygomia Fasciate*.

### Zoopirotécnico,

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

## Pensamentos médicos

Dizem que esta vida é uma via dolorosa...

O' meninos, eu cá estou para o que fôr preciso. As vias dolorosas são a minha especialidade.

Dr. Carlos Borges.

O pior são as purgações simuladas.

Dr. Cristiano Inacreditável de Moraes.

O' rapazes, ainda não há como uma pessoa ser novo até à hora da morte.

Dr. Gonçalves de Azevedo.

E o resto são histórias...

Dr. Adriano Fontes.

A medicina é uma blague. Na minha longa carreira clínica...

Dr. Alfredo de Magalhães.

# BARROS



## VINHOS DO PORTO

DE

## QUALIDADE SUPERIOR

Quem é?

O lirismo em que se abrasa,  
Traz-lhe a alma sempre presa!  
Mede os versos numa Raza,  
Mas com arte e com nobreza!...  
Uma linha o caracteriza:  
Na lapela sempre a rosa,  
Cujo aroma êle satiriza  
Duma forma graciosa,  
Se bem que um tanto abstrusa:  
— «No perfume (êle ajuiza)  
«O amor é como a rosa!» —  
.....  
(Perde o verso e ganha a prosa  
Se o conceito preconiza...  
¿Quem cheirar Cupido, goza  
Dum rosal a dose brisa?!)

AMARAL.

Decifração do número anterior — Quem é?  
Alves da Cunha.

**Matadores:** Só Darco, Alvarcarso, Tom Mix,  
Lizé, Reirobi, João da Sé, Monteiro I e II, Octá-  
via Maria, Abd-el-Krim, Fantasma Negro, Ama-  
rantino, Rei do Jazz, Bob Custer, Denis King,  
Cirrado, Zé Barão, Seugirdor, Harold, Lérias,  
Dellim de Freitas, Pirlau.

Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA

Boas-Festas!  
Dá-as por mim ao bom Octávio Sérgio,  
— O fotógrafo d'arte a quem emprestas  
Teu lindo corpo escultural e egrégio;

Dá-as também ao grande Marcial,  
Teu alfaiate de tesoura fina  
Que te ajusta, na linha peregrina,  
Uns factos com um talhe sem igual;

A Arnaldo, leiteiro à moda antiga,  
— Um leiteiro que traz só na vasilha  
Um leite que é pura maravilha,  
A pura essência e não sei mais que diga;

A Carvalho Barbosa, cujo nome  
Conserve Deus intacto muitos anos,  
— Porque as gralhas às vezes fazem danos...  
... Danados, se uma letra se consome...;

A José de que a Arte atrai a manha,  
Numa alegria que não é manhosa,  
— Alegria radiante e gloriosa  
Duma tripada autêntica nortenha.

Aumenta, enfim, o rol dessa quisília  
(O padeiro, a criada, a D. Hortência),  
Que dá as «Boas-Festas a Vossência  
E a Sua Excelentíssima família».

(Que isto de dar as «Boas-Festas» quando  
O que se dá, apenas, é maçada,  
E' moda que há de estar só esperando  
Que a Eva a dê por moda passada).

Gostava de passar nesse cantinho  
(Que a esta hora a branca neve alfombra),  
Este Natal de trinta graus à sombra...  
Será um dia... Adeus. Teu

Migue-LINHO.

MEIO CONTO  
POR SEMANA  
OV 500#00 DE PROSA

Gente de teatro... Pff!

Tornei a encontrar ontem o meu  
amigo Estanislau, apaixonado por tea-  
trices e teatrados, último abencerragem,  
da fauna quási extinta, dos *habitués*  
das primeiras e dos frequentadores das  
caixas de teatro, galão reformado com  
a avariose por inteiro e um reumatismo  
às prestações.

Abancamos à mesa dum restaurante  
modesto, mandamos vir bacalhau à  
Gomes de Sá, um litro de vinho, a  
conta... e a conversa do Estanislau  
para fecho do opíparo e bacalhúvoro  
banquete.

\*  
\* \*

O meu amigo principiou assim:  
— A opinião pública tem um entra-  
nhado e profundo desrespeito por tôda  
a gente que vive do teatro.

Apodera-se da vida particular de  
qualquer actor, adulté-a, esfarrapa-a,  
enxovalhea-a, diseca-a com o bisturi da  
maledicência e, depois de a revolver e  
emporcalhar pelas mesas dos cafés, —  
atira-a para a sarjeta com um piparote  
de desprezo, num gesto de desdem  
superior de pessoa habituada a denegrir  
reputações com a mesma facilidade  
com que fuma um cigarrinho *brégeiro*.

O actor, o autor, o empresário!...  
Gente de teatro... Pff! Tudo uma  
corja!

O actor D, é um depravado que  
não tem exame de instrução primária,

usa umas botas cambadas e não paga  
ao alfaiate...

O empresário X é um escroque.  
Vive à custa da amante, pede dinheiro  
emprestado às coristas e tem vícios  
inconfessáveis...

A actriz Z. é uma sem-vergonha,  
exploradora de *brasileiros* e íntima  
amiga da colega H. (que nada tem de  
gágá) e lhe satisfaz os apetites...

Gente de teatro! Pff! Que corja!

\*  
\* \*

O Estanislau tomou fôlego e mais  
um copo de meio litro. Depois, revol-  
tado contra a tal opinião que extermina  
reputações, terminou:

E quando alguém pergunta a essas  
bôcas viperinas (uma palavra muito  
linda!) que só se comprazem em difa-  
mar: — «Mas quem foi que lhe disse  
isso? Quem é que garante o que v.  
dizem?»

Respondem imediatamente: —  
«Quem diz? Tôda a gente! Ora essa!  
E' do domínio de todos! Que, verdade,  
verdade, eu nunca vi o autor D, nem  
conheço a actriz Z».

— Ah, então só pode afirmar que o  
empresário X é caloteiro e escroque?

— Não. Também não. Ele, para  
mim, até tem sido muito gentil. Dá-me  
sempre um camarote para eu ir com a  
família ao teatro...

LEIDOAR.

Posta restante

**Miguelinho** — Não fica bem a um destemido  
africanista essa coisa do mêdo. Mande o soneto,  
e tenha apenas paciência. No meio dêste mar de  
colaboração, pode ser que haja uma vaga. Obriga-  
dos por tudo.

**Rei dos Nabos** — Isso é que são notícias de  
arromba. E deixe estar que o Damião há de ter a  
mesma sorte. Também já arranjou guarda-costas  
como o das barbas. Quem tem razão vence sem-  
pre. O livro de que fala terá para si um desconto  
de 50 0/0. Pergunte nas livrarias o preço e verá  
que vale a pena. Não podemos dizer mais.

**Zézinho das Tortas** — E' sempre agradável  
uma carta como a sua. Enxote-nos para cá essa  
gente, e diga da sua justiça sobre *fracos* ou *fortes*  
aí da terra.

**Rei do Azar** — Deve ser do apelido. A ane-  
dota se o não foi ainda, deve ser publicada em  
breve. Ao resto cremos que a administração já  
lhe respondeu.

Orgulhosamente agradecemos

A' velha Companhia dos Telefones  
do Pôrto e circunvizinhanças: uma  
dúzia de práticos e artísticos calendá-  
rios que distribuímos por todo o nosso  
pessoal. D'ora-vante, cá na casa já todos  
sabem a quantos andam, com grande  
arrelia da gente de Cacia e arredores.  
E' pena não ter vindo também um  
telefonezinho... Paciência para a outra  
vez será.

Obrigados, pela gentileza da *The  
Anglo Portuguese Telephone Co. L<sup>da</sup>*.  
Estabelecemos ligação com a nossa  
gratidão.

Quem não puder comprar a MARIA  
RITA, peça-a emprestada. Desta  
:: forma, terá graça de graça ::

# CATILINARIA GALANTE

(Carta aplicável a 98 por cento das mulheres)

**Madame:**

Afinal, desencontrámo-nos esta tarde na modista. Que arrelia! *Madame* tinha subido para a *limousine* quinze minutos antes, — informação obsequiosa da contra-mestra. Ainda me lancei apressadamente em sua procura, entrando nas perfumarias e nas pastelarias que *madame* frequenta, mas não quis o destino que a topasse mais.

Um atraso no eléctrico originou o grande desconsólo! Devia *fazer* três horas e meia precisas na Praça e *fêz* quatro menos um quarto. Já reparou, *madame*, que os eléctricos, e de-certo os combóios, são as únicas coisas que *fazem horas* neste mundo?... Ora, em lugar de as *fazer*, rigorosas como uma soma algébrica, o eléctrico *desfêz-las* esta tarde, — e lá se foi a incomensurável alegria de lhe ouvir a palavra sempre encantada!

No entanto, cumpre-me vir pedir-lhe perdão da falta, *madame*. Ela contristou-me muito, por todos os motivos, sim, bem o sabe, *madame*, por todos os motivos. Havíamos combinado um tão jorico *tête-à-tête*, que eu fiquei com a impressão de que perdi, esta tarde, uma nesga do Paraíso! Protesto desde já, calorosamente, irritadamente, contra o péssimo horário dos eléctricos! Nós não podemos ter a nossa felicidade à mercê dum guarda-freio e dum condutor!...

O dia de hoje, um sábado de luz tão macia, correu-me porisso todo mal. Para mim, nasceu timbrado de fatalidade. Só agora, que penso em si e lhe escrevo, ainda nervoso, vou encontrando pouco a pouco uma sensação de alívio, como sob o poder frenador dum calmante. *Madame* perdoou-me já, pois não é verdade?...

Cria que o mereço pelo desgosto que me causou a minha falta. Ah!, lembro-me justamente, deixe-me apertar-lhe a mão mesmo de longe, com as minhas vivíssimas felicitações! O vestido de baile vai ficar-lhe radiosamente a matar! Ainda pude admirá-lo esplendendo no manequim, como orgulhoso de lhe ter roçado o busto de Agripina. O perfume envenenador da sua pele ainda o envolvia, numa saúde lasciva. Palpitava. Vivía. Repito-lhe com júbilo: vai cair-lhe divinamente!

*Madame* provára-o minutos antes com um zelo apostólico, acariciando-o como se faz ao peito duma rã. Acho justo esse amor, porque, não o duvido, êle será a sua glória. Simples, elegantíssimo, caro, sobretudo caro, *madame*, eu sei, nenhuma reserva ponho em jurar a sua imortalidade... Que eu não percebo nada de vestidos; quando muito, sei apreciá-los, como se aprecia um pudim que não se sabe, todavia, como é feito. O corte no vestido vale o sabor no pudim.

Sempre fiel às suas normas de grande senhora, *madame* escolheu ainda desta vez o modelo mais caro, *quere dizer*: mais invejável. Continuo a aplaudir. *Madame* tem uma inteligente aversão às coisas baratas; no seu dizer lapidar, elas foram feitas apenas para as mulheres dos modestos empregados públicos. De director geral para cima é que já obriga...

Com efeito, artigo barato não pode ser senão artigo de pechisbeque, — às vezes até artigo em segunda mão. Neste ponto, *madame* sabe dar lições fecundas. Quanto se aproveita com o seu convívio! A sua experiência vai mais longe do que uma escola, do que uma academia, não apenas no conselho a tempo, mas também na graça do sorriso, na finura intencional do gesto, no rigor certo da expressão. Tudo isso *madame* ensina, porque tudo isso aprendeu, devagar, paulatina-

mente, como quem recolhe as pérolas soltas dum colar partido.

E, depois, *madame* criou conceitos pessoais, tão pessoais que se diriam, à primeira vista, absurdos, inconseqüentes. Por exemplo: *madame* considerou sempre um triunfo a censura picante das amigas. Que digo eu? — De todo o mundo que a vê reclinada no camarote ou nas almofadas da *limousine* escarlate! Só assim se pode ter o nome citado no rodapé dos jornais...

Casaco, jóia ou sapato que levantem murmúrios e comentários ácidos, — é porque despertaram na roda a sua pontinha de inveja. Conclusão fatal, *madame*! E, realmente, aqui só entre nós, sem um destrambelhozinho não se impõe a gente, não se é notada, discutida, porventura censurada... Mas não importa! Se a Vénus de Milo (de que *madame* tem, na sala de visitas, uma reprodução quasi genial) possuísse os braços anafados duma leiteira da Areosa, estou certo de que ninguém lhe ligava importância!...

O *mot d'ordre*, o supremo objectivo é *destacar*, — pelo bom ou pelo mau. Uma loucura refinada dá sempre prestígio, auréola, que sei eu? garante mesmo a posteridade... Sai-se da mediocridade, sai-se dessa horrível *meia-tijela* que *madame* justificadamente abomina. Safo nada seria sem o seu gosto depravado.

Reparo agora que o prazer de conversar consigo me levou já longe. Tive a impressão — ainda e sempre estonteadora! — de que a escutava, a via, a adorava em saúde e assim fui divagando. Verdadeiramente, eu queria apenas escrever-lhe um bilhete de visita com as minhas desculpas. Não esqueço, não posso esquecer quanto *madame* é exigente nestas pequeninas fórmulas da pragmática. Essa meticulosidade tão distinta, tão alta roda, marca um dos traços essenciais do seu espírito, *madame*. Acredite que lho digo sem lisonja.

Ela é como o seu sinete, como o seu *ex-libris* heráldico. E não porque *madame* haja nascido em berço de ouro, sob os galhos duma velha árvore genealógica; *madame* não tem o que se chama estirpe, sangue real, assômo cavalheiresco... Não usa anel com brásão nos dedos espaludados, nem a partícula *de* enquistada no nome. *Madame* é simplesmente, prosaicamente — *madame* Gomes, *tout court*.

Ah!, mas eu sei que *madame* nunca se entristeceu com a falta de glóbulos azues. Sempre pulter superior! Crédito aberto nos Bancos, relações preciosas, hábitos mundanos, beleza em plena vitória, — a vida corre para *madame* mais apetecível que um pomo do Eden.

E, depois, nestes tempos de democracia exclamadora, *madame* é também *nobre*, irrecusavelmente *nobre*. Como assim? — inquirirá, perplexa. Eu respondo: — é que agora estão invertidos os papéis. O comércio e a indústria galgaram o balcão e hoje representam a verdadeira *nobreza* da sociedade. Percebe, *madame*?... O oinheiro (peço-lhe que me perdoe esta palavra tão antipática) é o grande título honorífico, o maior de todos, o único, ia a dizer.

Por aqui já vê, *madame*, a legitimidade da sua *nobreza*. Quantos fidalgos de raiz, que herdaram apenas uma pedra de armas e um baú de pergaminhos, trocariam alvoroçadamente os seus antepassados pela fortuna plebeia de *madame*! Ela abrir-lhes-ia de par em par as portas da liberdade, segredando-lhes ao ouvido com essa tonalidade insinuadora que emprega a Agência Cook nos seus cartazes: — O mundo é teu! Percorre-o! Atravessa-o! Fecha-o na palma da mão!...

Por Agência Cook... Lembro-me agora que,

bem no fundo, há uma deplorável lacuna na sua vida, — ah!, mas bem fácil de preencher, *madame*, bem fácil! Quero referir-me às viagens ao estrangeiro, que imprimem sempre grandeza, verniz, que dão sempre *tic*, não é verdade? Neste ponto, *madame* tem sido um pouquinho retraída, vamos. E não há direito, não há direito... Está a chegar a Primavera, quando se despenha os casacos de peles e a água dos mares se torna morna e azul que nem uma tinta de aguarela.

*Madame* precisa de ir por aí fora, embalada no *sud* ou num camarote do *Cap Arcona*, não apenas para que a sua partida conste dos *Boletins Elegantes*, (o que, aliás, já era considerável) mas também para conhecer novos roteiros, novas civilizações, outra mecânica no viver e no amar.

Sabendo quanto *madame* olha desdenhosamente as coisas da arte, não me atrevera a indicar-lhe, para romagem sentida, os países clássicos, — a Itália, a Holanda, a Grécia, o Egipto, que são verdadeiros museus ao ar livre. Deus me livre de tal sacrilégio! Para começar, porém, consinta uma tímida sugestão: — Paris! Não lhe parece bem achado?... Diante da nossa fantasia, Paris afigura-se-nos uma Salomé deslumbradora, embrulhada num manto de zibelina: é perversa, cúpida, aprisionante. *Madame* deve ter-lhe já sentido também os braços de pecado à volta do pescoço!...

De resto, sei que *madame* adora o francês, língua gentil de salão, maleável e discreta. O seu *Angora* chama-se *Monsiú*, o que é uma alta homenagem de simpatia prestada à língua francesa... E quando as criadas, por engano, lhe chamam em português *Minha Senhora*, *madame* encoloriza-se e berra: — Chamem-me em *franciú*!...

Está, pois, decidido! *Madame* necessita de completar o seu curso de grande vida, dando uma saltada ao estrangeiro! Em Março, com a visita das andorinhas, temo-la além-fronteiras, assestando o *lognon* indagador, rindo, dançando, acordando ao estrépito das ondas, nas praias cosmopolitas. Duvido muito que *madame* queira regressar depois...

Enfim, terei perdido eu, só eu! Longe de si, dos seus cabelos, dos seus olhos, dos seus dentes, dos seus perfumes... Mas não pensemos em desgraças! Perdõe-me estas tolices; tem tanto que me perdoar hoje, *madame*! E' crente na sua bondade infinita que ponho aqui a chancela final. Adeus, *madame*! Até quando? Na próxima Quinta-feira lá estarei no chá do costume. Se lhe fôsse possível... Apareceram agora uns hólós de amêndoa e baunilha espantosos de sabor. Não quer prová-los, *madame*?...

Reitero as minhas desculpas pela falta desta tarde e não se divirta com os devaneios de quem se contessa o primeiro e o mais imprestável dos seus admiradores.

Anibal MENDONÇA.

NAS

**Galerias Lafayette**  
— da RUA FORMOSA — PORTO —  
todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inexcédível  
AUX GALERIES LAFAYETTE

# O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA



## CLASSIFICAÇÃO GERAL

Concorrente votados duas vezes ao **Quadro negro**:

*Adriano X. Nel.*

Concorrentes votados uma vez ao **Quadro negro**:

*Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos, Cagancho, Biturino, Olegna e Zefiro.*

Concorrentes com 5 votos de louvor:

*Lizé, Zê da Sé e Adriano X. Nel.*

Concorrentes já com direito ao segundo prêmio (4 votos de louvor):

*Olegna, Sepol e Amaral,*

Concorrentes já com direito ao terceiro prêmio (3 votos de louvor):

*Tito e Alfredo Cunha.*

Concorrentes com dois votos de louvor:

*Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Tônio, Zê Barão Octávia Maria, Tripeiro (de gema) e Narigudo.*

Concorrentes com um voto de louvor:

*Asódias, O., Orno, J. A. Costa, Amarantino, Delfim Freitas, Tripeiro, Dr. Crasto, Henrique Cardoso, Chichisbéu, Kammon, Mamedê, Cagancho, Pierrot, Zê Norte, Alvecos, Quim Mesquita, Lérias, Julifer, Rei dos Nabos e Sesenem Miopla.*

Para o mote

*Preguei os olhos no céu  
E o nariz no cometa.*

recebemos as seguintes

### GLOSAS:

Vi um dia andar no céu  
Uma cachopa de truz!  
Fiquei pateta! Ai Jesus!  
*Preguei os olhos no céu,*  
Dei corda à minha tineta  
Atingindo outro planeta!  
Fui sem mal: mas na arrecua  
Chapei as costas na lua  
*E o nariz no cometa!*

**Narigudo.**

Coberta com um grande véu,  
Minha noiva é um amor,  
Ao ver tam grande esplendor...  
*Preguei os olhos no céu,*  
Por tudo aquilo ser meu.  
E' quente qual escalfeta,  
Macia como baeta;  
Deita-se, e diz-me que sim...  
Pôr os seus lábios em mim,  
*E o nariz no cometa.*

**Rei dos Nabos.**

X. Nel, descobriu o véu  
da nossa tanta amizade  
recordando com saúde,  
*preguei os olhos no céu,*  
Charadismo, emmudeceu  
cansado de tanta treta  
meti tudo na gaveta  
e voltei-me p'ra «Maria»  
meteu no bolso o «Cacia»  
*e o nariz no cometa.*

**Pirilau.**

Anda zangado o Reneu,  
o Dantas, o Figueiredo,  
até eu com tanto medo  
*preguei os olhos no céu,*  
A sorte nada nos deu,  
nada vêm na gaveta  
nem ao menos uma «cheta»  
p'ró Queiroz comprar carvão  
meteu no bolso o tostão  
*e o nariz no cometa.*

**Sesenem Miopla.**

Esta noite sonhei eu  
Que te estava a abraçar  
E depois de acordar  
*Preguei os olhos no céu;*  
Teu coração para o meu  
Abriu-se qual gaveta  
E num carinho sem treta  
Gozaste como as mais belas  
Com o olhar nas estrelas  
*E o nariz no cometa.*

**Asódias.**

Ontem namorar fui eu  
Contigo minha querida  
Mas por não me dares guarida  
*Preguei os olhos no céu.*  
Hei de te tirar o véu  
Sem estar com muita treta  
P'ra ver qual planeta  
Se aproxima em noites belas  
Pus os olhos nas estrelas  
*E o nariz no cometa.*

**Vensódias.**

Tapada com ténue véu,  
'Stava a lnês posta em sossêgo.  
Mas eu que sou um borrego.  
*Preguei os olhos no céu.*  
Ela então com escarcéu,  
Fazendo horrenda caretta,  
Exclamou: grande chambeta!  
Goze minha nudez, bela.  
Ponha os olhos nesta estrêla,  
*E o nariz no cometa.*

**Julifer.**

Fui passear p'ra o ilhéu  
Co'o meu amigo Abreu  
Passa o Zeepelin e en  
*Preguei os olhos no céu*  
Agora um conselho meu  
Para o autor desta «treta»  
Senhor compre uma rabeta  
E ponha-se a passear  
Pela cidade a fumar  
*E o nariz no cometa.*

**Monteiro II**

Pus-me todo à fresca, ao léu  
Com o calor que fazia  
E p'ra ver se m'entretia  
*Preguei os olhos no céu*  
Vem um gajo sem chapéu  
Era coxo e maneta  
E pôs-se a tocar trombeta!  
Digo então: oh seu velhaco  
Meta a viola no saco  
*E o nariz no cometa.*

**Horrivel.**

«Pérola Verde escreveu  
Lá no «Ecos» qu'indécência».  
Para a Deus pedir clemência  
*Preguei os olhos no céu...*  
Ele assim me respondeu  
— Diga-me a êsse «Perneta»,  
Esse Herodes da caneta.  
Que o que sabe dê ao diabo,  
Entre as pernas meta o rabo,  
*E o nariz no cometa.*

**Lizé.**

Quem êste mote escreveu  
De-certo que não pensou  
E nem nêle reparou?  
*Preguei os olhos no céu!*  
A glosá-lo agora eu  
Com uma glosa faceta,  
Eu julgo até que é pêta:  
Como pode ver as 'strêlas,  
Estar com o ôlho a vê-las  
*E o nariz no cometa.*

**Tônio.**

Num postal que alguém me deu  
P'ra o milagre admirar,  
Após sessenta contar  
*Preguei os olhos no céu.*  
Nada vi... Nada apar'ceu...  
Porque o milagre era treta,  
Era mentira, era pêta,  
Como tu sabes, leitor...  
Que se lixe o inventor  
*E o nariz... no cometa.*

(Gala).

**Manuel L. Pereira.**

Quando o meu filho Romeu  
Me disse que ia casar  
Depois de p'ra êle olhar  
*Preguei os olhos no céu*  
Mas não sei o que me deu  
Que o corri a galheta  
Pois que não ganhando cheta  
O asno queria casar  
Que se vá primeiro criar  
*E o nariz no cometa.*

**Amarantino.**

Fui pedir a um judeu  
Algum dinheiro emprestado,  
Mas vendo o juro elevado  
*Preguei os olhos no céu,*  
E depois sem escarcéu  
Dei-lhe tamanha galheta  
Dizendo para o forreta:  
— De você inda dou cabo!...  
— Sim?! Então vá p'ra o diabo  
*E o nariz no cometa!*

(Lisboa).

**Elmano Siamor.**

Há dias aconteceu  
Uma coisa d'espantar;  
Ajoelhando-me a orar  
*Preguei os olhos no céu!*  
Eu que sou um fariseu  
D'aqueles de alma preta  
Fiz figura de pateta  
Não pôde deixar de ser!...  
... Tinha a cabeça arder  
*E o nariz no cometa.*

**Henrique Cardoso.**

Quando ela faleceu  
Oh! Nem me quero lembrar  
Além de tanto chorar  
*Preguei os olhos no céu.*  
O seu corpinho era meu,  
E não de qualquer pateta;  
Antes fôsse uma preta  
Pescada com um anzol  
Com os pés assentes no Sol  
*E o nariz no cometa.*

**Só Darco.**

Ultimo mote para o nosso concurso de glosas:

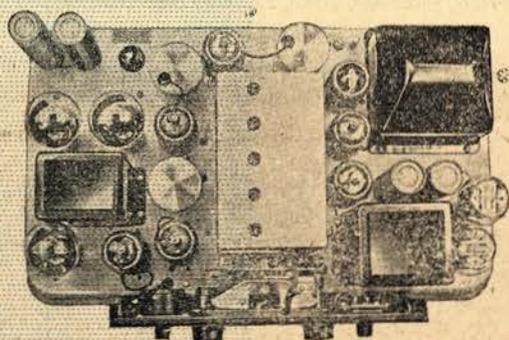
*Se não viu o Burriê  
Agarre-se ao «Pirilau».*



# ATWATER KENT RADIO

## VEJA ESTE CHASSIS

GRANDE TAMANHO  
GRANDE POTENCIA  
GRANDE PERFEIÇÃO



... O PODEROSO CORAÇÃO DE UM VERDADEIRO RECEPTOR!



Todos sabem que num receptor tudo depende do chassis, assim como num automóvel tudo depende do motor. "Olhe para dentro do móvel". Este alvitre, de aconselhar há muitos anos, é duplamente apreciável este ano, ante a série de receptores baratos apresentados à venda.

O receptor rádio-telefónico ATWATER KENT é construído para prestar um serviço satisfatório e prolongado e para obter uma clientela permanente. Cada ano é construído com a maior perfeição, não cortando despesas nem sacrificando jamais a sua superior qualidade. ATWATER KENT representa, portanto, a melhor aquisição que V. Ex.<sup>a</sup> pode fazer em matéria de Rádio.



DISTRIBUIDORES GERAIS PARA O NORTE:

**ELECTRÓNIA, L.<sup>DA</sup>**

Praça da Batalha, 119 — Telefone 5800

PORTO